

## Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas

### ARTIGO

**Jeferson Antunes<sup>i</sup>**

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

**Cicero Magérbio Gomes Torres<sup>ii</sup>**

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

**Francione Charapa Alves<sup>iii</sup>**

Universidade Federal do Cariri, Brejo Santo, CE, Brasil

**Zuleide Fernandes de Queiroz<sup>iv</sup>**

Universidade Regional do Cariri, Crato, CE, Brasil

### Resumo

Os relatos de experiência compõem uma parte importante da pesquisa qualitativa, contudo, são pouco sistematizados, o que prejudica a validade interna, levando a questionamentos entre pares. Nesse sentido, nos questionamos: seria possível propor uma sistematização para o desenvolvimento de pesquisas do tipo relato de experiência? Este estudo tem por objetivo propor a sistematização do relato de experiência como método científico, sendo seu objetivo secundário apresentar diretrizes mínimas para a escrita científica de um relato de experiência a partir do método científico. Optamos por nortear a discussão a partir da validade interna da pesquisa qualitativa, relacionando outros métodos e técnicas, para conduzir os aspectos lógicos e formais à luz da literatura científica e metodológica. Como resultado, analisando cada aspecto da comunicação científica, propomos um método que sistematiza a escrita de relatos de experiência, fornecendo subsídios metodológicos para a coleta de dados, análise de dados e escrita da comunicação científica.

**Palavras-chave:** Relato de experiência. Escrita científica. Metodologia.

### How to write a systematic experience report? Methodological contributions

### Abstract

Experience reports constitute an essential part of qualitative research; however, they are often insufficiently systematized, impacting internal validity and prompting peer inquiries. In this context, we inquire: could a systematization be proposed for the development of experience report research? This study aims to advocate for the systematization of experience reports as a scientific method, with a secondary objective of presenting minimal guidelines for the scientific writing of an experience report using the scientific method. We choose to guide the discussion based on the internal validity of qualitative research, intertwining with other methods and techniques to guide the logical and formal aspects in light of scientific and methodological literature. As a result, dissecting each aspect of scientific communication, we propose a systematic method for writing experience reports,

providing support for data collection, data analysis, and the composition of scientific communication.

**Keywords:** Experience report. Scientific writing. Methodology.

## 1 Introdução

2

Os relatos de experiência nas ciências humanas e sociais constituem uma importante contribuição para a construção do conhecimento, fornecendo evidências empíricas, mesmo que passíveis de viés, para que possamos ampliar nossas discussões e fortalecer as teorias em face da realidade. Diferentemente dos relatos de caso, comuns no campo da saúde, existem poucos padrões para o desenvolvimento de um relato de experiência. Esse fato é apontado pelos estudos de meta-síntese, cujo principal obstáculo é a precária qualidade formal (Demo, 1992) do corpus qualitativo (Walsh; Downe, 2005).

Os relatos de experiência são estudos que partem da relação entre quem pesquisa e o empírico na pesquisa de campo, construindo conhecimento acerca das pessoas em interação. Nesse sentido, surge o questionamento: Seria possível propor uma sistematização para o desenvolvimento de pesquisas do tipo relato de experiência?

Em vistas a preencher a lacuna apresentada, o presente estudo tem como objetivo propor a sistematização do relato de experiência como método científico. Não obstante, uma vez que jovens pesquisadores e pesquisadoras, ao se depararem com um método, podem apresentar dificuldades em materializar suas pesquisas, temos como objetivo secundário apresentar diretrizes mínimas para a escrita científica de um relato de experiência sistematizado.

Para alcançar esses objetivos, foi realizada uma pesquisa bibliográfica acerca do campo metodológico, recorrendo às discussões da pesquisa qualitativa, tendo por princípio a validade interna (Minayo, 2012), a fim de assegurar uma contribuição que mitigue problemas comuns aos métodos qualitativos.

O estudo, nesse sentido, apresenta contribuições científicas para a aplicação de meta-síntese, uma vez que sistematiza a pesquisa de relato de experiência. Além disso,

busca-se uma contribuição social para a relação sujeito-objeto de pesquisa, uma vez que pesquisas do tipo relato de experiência tem a capacidade de aproximar a academia e a sociedade. Firmando interesse pessoal das autorias, contribui-se na orientação de estudantes que apresentam dificuldades teórico-metodológicas no desenvolvimento e escrita de seus relatos de experiência.

Como estratégia de escrita, para proporcionar uma melhor experiência de leitura, o artigo está dividido em seções que abordam a teoria, aspectos críticos e, principalmente, as seções de um artigo científico. Sumarizado dessa forma, a escrita do texto busca exemplificar o processo de escrita científica.

## 2 Relato de experiência como método sistemático

A nível descritivo, compreensivo e explicativo de um fenômeno natural observável, a comunicação científica desenvolvida em um relato de experiência se situa na natureza qualitativa de pesquisa.

A pesquisa qualitativa busca detalhar o fenômeno no ambiente natural, envolvendo participantes na coleta de dados. Nesse processo, emergem categorias de análise, necessidades teóricas e metodológicas, permitindo que pesquisadores e pesquisadoras desenvolvam suas interpretações acerca do fenômeno com maior complexidade, de forma introspectiva e reconhecendo seus vieses (Creswell, 2007).

Ao analisar o fenômeno em sua concretude, a natureza qualitativa de pesquisa contribui para a construção de uma lógica interna de compreensão e explicação dos processos, os quais devem ser questionados a partir das evidências coletadas e das teorias (Minayo, 2012).

Nesse sentido, para o relato de experiência, se torna essencial a observação, descrição, compreensão e explicação para construir uma possível análise. A construção do conhecimento científico ocorre na interpretação da realidade, “uma boa análise começa com a compreensão e a internalização dos termos filosóficos e epistemológicos que

fundamentam a investigação e, do ponto de vista prático, desde quando iniciamos a definição do objeto” (Minayo, 2012, p. 622).

A interpretação dessas evidências como unidades de sentido, justificadas a partir da compreensão do fenômeno ocorrido, em que se relacionam as teorias, nos fornece categorias de análise a partir de suas especificidades (Minayo, 2012).

A fidedignidade das evidências empíricas é a base do *corpus*, que deve ser contextualizada a partir dos aspectos da realidade investigada,

A conclusão de uma análise qualitativa deve apresentar um texto capaz de transmitir informações concisas, coerentes e, o mais possível, fidedignas. Pois, o relato final da pesquisa configura uma síntese na qual o objeto de estudo reveste, impregna e entranha todo o texto (Minayo, 2012, p. 625).

Nesse sentido, Minayo (2012) sugere uma série de elementos para salvaguardar a validade interna da análise, que são demonstrados no Quadro 1:

**Quadro 1 - Diretrizes epistemológicas para relatos de experiência**

Diretrizes de validade interna	Materialização na comunicação científica
a) a coleta e análise de dados seja de tal forma descrita que garanta replicabilidade	Coleta e análise de dados
b) a descrição minuciosa do processo, da tomada de decisão e dos problemas no campo de pesquisa	Escrita científica na seção destinada a métodos e técnicas, planejamento de pesquisa
c) a utilização de múltiplas fontes de informação, métodos e técnicas de análise de dados	Coleta e análise de dados
d) a possibilidade de comparar as percepções de sujeitos de pesquisa com as observações no campo	Técnica de pesquisa, planejamento de pesquisa
e) explicitar os fatos e teorias que contradizem as hipóteses, tratando de problematizar essas questões	Escrita científica, análise de dados
f) fugir da ideia de uma verdade única, investigando acerca de múltiplos pontos de vistas que convergem a análise do fenômeno	Análise de dados e escrita científica

Fonte: Elaborado pela autoria com dados de Minayo (2012).

Para que seja significativo e possa contribuir com a ciência, o relato de experiência não pode ser enquadrado como um simples processo narrativo desligado de uma sistemática, mas deve, ao contrário, ter por base os aspectos descritos por Minayo (2012) (ver Quadro 1), em vistas a contribuir para a investigação da realidade. Esses aspectos

(Minayo, 2012) auxiliam na reflexão sobre a sistematização das etapas da pesquisa e da escrita científica (ver Quadro 1).

Nesse sentido, compreendendo o método como a lógica interna que conduz o processo de pesquisa científica (Tonet, 2013), para construir um relato de experiência a partir do método científico, existe a necessidade de sistematização que evidencie a qualidade formal e a qualidade política (Demo, 1992) ao longo de todo o processo de pesquisa.

Partindo do entendimento de que a ciência não constitui a verdade, mas sim a busca sistemática de mitigar erros acerca da investigação da realidade (Popper, 2013), necessitamos conduzir uma análise detalhada e racional acerca do processo de produção intelectual do relato de experiência. Isso visa a estabelecer diretrizes mínimas para um relato de experiência como método científico nas ciências humanas e sociais.

### 3 Determinando o objeto de pesquisa

A presente seção desenvolve discussão acerca da gnosiologia, para então, a partir dos aspectos teóricos explorados, estabelecer de forma lógica o objeto de pesquisa do relato de experiência. A gnosiologia trata da relação entre o sujeito de pesquisa e o objeto de pesquisa, que ocorre, em nível basilar, na observação do fenômeno que é descrito na forma de relato de experiência. Não obstante, em ciências humanas e sociais, o mito da neutralidade e da objetividade são axiomas a serem encarados.

A objetividade diz respeito a conhecer o objeto da forma mais perfeita e minuciosa possível, enquanto a neutralidade se pauta na relação do sujeito, como observador imparcial do fenômeno (Demo, 1992). Torna-se importante, nesse sentido, estabelecer a relação gnosiológica pretendida por quem pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, a fidedignidade é basilar, mas não por uma pretensa objetividade. Em si, a realidade é mais complexa do que se pode capturar, portanto, a apreensão do fenômeno sempre será limitada pela experiência sensível (Creswell, 2007). Nesse sentido, é obrigatório elucidar os vieses, a teoria analítica e a lógica que conduz o

processo (Minayo, 2012). Essa atitude reforça a fidedignidade, uma vez que os aspectos constitutivos da comunicação científica estão abertos a escrutínio público.

A posição de quem pesquisa, portanto, não é neutra, mas carregada por sua história de vida e formação, compreendendo a impraticabilidade de uma heteronomia (Bartlett, 1932). A posição de honestidade intelectual, sobretudo com leitores e leitoras, reforça a qualidade política (Demo, 1992) do relato de experiência. Descrever minuciosamente as práticas, processos, interações e vieses assumidos é imprescindível para que se compreenda como a pesquisa foi efetivada e qual sua atuação como agente que pesquisa (Minayo, 2012; Demo, 1992).

O relato de experiência, nesse sentido, tem como objeto de pesquisa um fenômeno observável, em um ambiente natural, no qual a pessoa que pesquisa se relaciona com o objeto para investigar a realidade de forma sistemática, explicitando seus vieses de observação e análise, em um processo minucioso de descrição, com vistas a uma comunicação científica que busca ser fidedigna.

Estudantes em sala de aula durante uma atividade acadêmica, profissionais em uma oficina realizando seus trabalhos, gestoras e gestores em uma instituição pública tomando decisões sobre políticas públicas, não são apenas pessoas ou o agrupamento de pessoas no coletivo; antes, a ação realizada pelo conjunto de indivíduos é o objeto do relato de experiência. Esse é o fenômeno observável, que exige, portanto, uma relação proximal entre o objeto e o sujeito de pesquisa.

#### 4 Problema, objetivo e justificativa de pesquisa

Esta seção apresenta uma discussão acerca da construção da pergunta, dos objetivos e da justificativa de pesquisa em um relato de experiência, considerando que esses são, junto ao objeto de pesquisa, elementos essenciais da introdução em uma comunicação científica. Portanto, são apresentadas questões ligadas à escrita científica.

A seção de introdução de uma comunicação científica apresenta o objeto de pesquisa, o problema de pesquisa — que normalmente advém de uma problematização lógica — e o objetivo de pesquisa, como desdobramento lógico do problema de pesquisa.

Estabelecer o problema de pesquisa diz respeito à área de estudos à qual sua comunicação científica pretende contribuir (Creswell, 2007). Nesse sentido, um relato de experiência deve estabelecer alguma contribuição para uma área de pesquisa, visando à ampliação do conhecimento.

O fenômeno em si, mesmo que muito estudado, pode ser enquadrado por múltiplas visões, para que uma meta-síntese (Walsh; Downe, 2005) proporcione uma análise multidimensional do objeto de estudo. Assim, uma estratégia perpassa eficaz envolve o uso de um aporte epistemológico.

Um problema de pesquisa nasce de uma lacuna, ou seja, algo que foi pouco explorado ou não foi estudado. A pesquisa busca, então, contribuir a partir de evidências que avançam de forma distinta com a construção sistemática do conhecimento (Creswell, 2007).

A problematização é uma estratégia de escrita que conduz leitores e leitoras a uma conclusão lógica que decorre do problema de pesquisa. Apresenta-se um contexto e, ao questionar esse contexto, chega-se a uma questão, uma pergunta de pesquisa, que é apresentada como uma interrogação lógica, decorrente do questionamento acerca do contexto explorado.

A partir da pergunta de pesquisa, desdobra-se o objetivo de pesquisa, que representa como se pretende contribuir para a lacuna mencionada. O objetivo de pesquisa não deve perseguir a completude da lacuna, uma vez que o objetivo da ciência não é construir verdades absolutas, mas sim mitigar a incerteza por meio da investigação da realidade conduzida pela construção do conhecimento sistematizada (Popper, 2013).

O objetivo de pesquisa deve conter um verbo que indique sua ação. A base de todo relato de experiência está na observação do fenômeno, que se materializa na descrição. Logo, descrever um fenômeno desconhecido é um objetivo de pesquisa importante, que apresenta essa pretensa novidade ao escrutínio de pares.

Um fenômeno pouco conhecido pode, a partir de sua descrição, ser explicado, revelando nuances ainda pouco exploradas, com desdobramentos que o tornam mais complexo. A compreensão, como ação de pesquisa, diz respeito ao processo de entendimento das múltiplas determinantes que convergem para o fenômeno, no sentido de sua integralidade. A análise, como desdobramento lógico de um fenômeno conhecido, busca uma investigação detalhada do objeto de estudo, com o intuito de expor detalhes das múltiplas determinantes encontradas.

Portanto, em um desdobramento lógico da pergunta de pesquisa, as ações desencadeadas pelos verbos no objetivo de pesquisa dizem respeito ao tipo de contribuição almejada, de acordo com o objeto de estudo. É uma escolha racional e deliberada por parte de pesquisadores e pesquisadoras, que deve ser bem avaliada, uma vez que é a ação de pesquisa que conduz o processo de pesquisa científica.

Todo estudo científico deve ser direcionado pelo objetivo geral (Creswell, 2007). Não faz sentido, portanto, que demais objetivos não estejam alinhados e não sejam passos lógicos para sua aquisição plena ou parcial do objetivo geral.

Um objetivo que tenha como verbo de ação “analisar” um fenômeno, por exemplo, pode ter dois objetivos secundários: um que envolva descrever o fenômeno e outro que envolva explicá-lo. Toda escrita científica deve ser lógica e fazer sentido no fluxo de ideias que está sendo apresentado, mantendo um ritmo coordenado de pensamento.

A introdução de uma comunicação científica deve conter o objeto de pesquisa, a pergunta de pesquisa, o objetivo de pesquisa e, se necessário, os demais objetivos. Um resumo do método e das técnicas empregadas, bem como uma sumarização dos achados de pesquisa, também são aspectos necessários para a compreensão inicial do estudo.

A justificativa, que pode encerrar uma introdução ou ser apresentada antes do resumo dos resultados, diz respeito à existência dessa comunicação científica e, normalmente, surge do desejo de quem pesquisa.

Uma justificativa pode ultrapassar esse âmbito da importância do estudo dada por quem pesquisa, em uma estratégia de escrita científica que consiste em responder a três questões: Qual é a importância social da comunicação científica? Em que o estudo avança

a pesquisa científica acerca do objeto do conhecimento? Qual é a relevância pessoal de estudar essa temática?

Trata-se de uma estratégia geral para a escrita da justificativa com base na experiência, na qual se busca apresentar a relevância do estudo como algo que vai além da academia. Embora essa relevância possa parecer óbvia em um primeiro momento, ela reforça a comunicação científica como um construto da realidade com qualificadores complexos.

Pesquisas científicas são, em sua maioria, financiadas e desenvolvidas com o apoio da sociedade e do Estado. No entanto, são geralmente escritas para pares, pesquisadores e pesquisadoras da área de pesquisa ou interessadas, que empregam seus esforços de pesquisa na busca por discussões que contribuam com seus estudos. Partindo desse princípio lógico, estabelece-se, como ideia geral, uma justificativa social e uma justificativa científica, como parte de uma justificativa geral da importância da pesquisa.

A terceira pergunta da justificativa é premente na confecção de um relato de experiência, uma vez que apresenta a conexão entre sujeito-objeto de pesquisa, reforçando que o fenômeno observável não parte de uma ideia de neutralidade.

A estratégia de escrita científica apresentada nesta seção buscou auxiliar pesquisadores e pesquisadoras a construir introduções mais abrangentes, que dialoguem com a totalidade da comunicação científica, desenvolvendo um retrato do todo que constitui a pesquisa. Assim, ao ler uma introdução, leitores e leitoras devem ter noção do que se trata a pesquisa científica que estão prestes a explorar.

## 5 Epistemologia, gnosiologia e ontologia do ser social

A presente seção discute epistemologia, gnosiologia e ontologia em uma pesquisa de relato de experiência sistematizado, destacando aspectos que necessitam estar nítidos na seção de método e técnicas de pesquisa.

Nas ciências humanas e sociais, o fenômeno observável do relato de experiência é a interação humana. Seja o ser humano imerso na realidade, em agrupamentos e/ou instituições, ou até mesmo desprovido do convívio social mínimo, não importa, um relato de experiência trata de seres humanos em interação. O local onde essas pessoas interagem é o ambiente natural, o lócus da pesquisa.

Nesse sentido, é essencial que fique claro o entendimento de “ser social” ao qual a pessoa que escreve se refere. Essa abordagem ontológica diz respeito ao sentido atribuído às pessoas como entidades sociais, a sua natureza básica e as relações sociais estabelecidas (Schmitt, 2013).

Marx (2008), por exemplo, não entendia o ser humano de forma abstrata, mas como um ser que produz sua própria existência, uma existência histórica, na relação das pessoas e o mundo a sua volta, onde a concepção humana é formada pela totalidade das relações sociais.

Epstein (2014, 2019), em sua releitura sobre a ontologia weberiana, ancora os indivíduos nas dimensões biopsicológica e social, que encontram sua dimensão coletiva na ordem social. As ações sociais funcionam como ancoradores compartilhados por agentes, que cognitivamente fundamentam essa ordem social (Sell; Bolsa, 2022).

Bhaskar (2005), nos descreve, a partir do conceito de reificação durkheimiano, que o ser humano é um artefato de uma estrutural social, constituída como uma transferência do próprio indivíduo.

Essas três concepções ontológicas (Bhaskar, 2005; Marx, 2008; Epstein, 2014, 2019) exemplificam, a partir dos clássicos da sociologia, a compreensão do ser social como categoria de análise. Existem diversas outras discussões ontológicas que podem ser parte do entendimento de pesquisadores e pesquisadoras, e essas escolhas necessitam ser inequívocas.

Uma outra questão, referente à gnosiologia, diz respeito à interação e participação dos sujeitos de pesquisa. Minayo (2012) refere-se à validação dos sujeitos de pesquisa (ver Quadro 1) como uma das diretrizes da pesquisa qualitativa.

Trata-se da reflexão sobre o tipo de participação dos sujeitos de pesquisa. Os sujeitos de pesquisa são informantes, portanto, tem agência na coleta de dados, ou são sujeitos que participam também do processo de análise dos dados coletados, atuando como agentes no processo de construção do conhecimento. Além disso, os sujeitos de pesquisa têm como função validar suas análises a partir da leitura sensível da comunicação científica. Todas essas dimensões da participação estão presentes no diagnóstico rápido participativo (DRP) como método de pesquisa (Antunes *et. al.*, 2018).

De toda forma, explicitar a escolha gnosiológica impacta o processo de pesquisa, uma vez que, além dos diferentes vieses ontológicos assumidos, também se insere a racionalidade que orienta a construção do conhecimento.

O relato de experiência, como método, procura conduzir seu argumento central através de uma racionalidade que norteia os processos de escrita. Esse alinhamento entre a gnosiologia, ontologia e epistemologia produz uma unidade de sentido, uma lógica interna coesa e explícita na comunicação científica.

A epistemologia adquire o sentido de construção do conhecimento, que toma por base um sentido lógico e parte de um paradigma científico, que envolve teoria, abordagem do objeto de pesquisa e a cultura acadêmica.

O aporte teórico funciona como uma lente analítica, uma corrente de pensamento que nos guia no entendimento do objeto de pesquisa (Minayo, 2002). Dessa forma, com esse suporte teórico, temos um ponto de partida em nossos estudos, que pode ou não dar conta do objeto de pesquisa.

Creswell (2007) elenca as concepções epistemológicas como guias de ações, oferecendo uma ideia geral das correntes positivista, pós-positivista, materialista, da complexidade e pós-moderna. A concepção epistemológica não responde a uma propensão neutralidade, mas antes, está relacionada à história de vida e à formação de pesquisadores e pesquisadoras, bem como às suas escolhas ontológicas e gnosiológicas.

Epistemologia, ontologia e gnosiologia necessitam estar alinhadas para manter a coesão interna da pesquisa. Uma perspectiva materialista histórica, que compreenda o ser humano de maneira abstrata e observe de forma assistemática um conjunto humano em

interação, apresenta escolhas confusas, o que se refletirá na escrita científica e na avaliação da comunicação científica.

Essas escolhas devem estar elucidadas a leitores e leitoras, sendo descritas e referenciadas na seção de métodos e técnicas, para que possam ser compreendidos os vieses e justificada a tomada de cada decisão, ampliando a validade interna da pesquisa (ver Quadro 1).

## 6 Coleta de dados

Nesta seção, tratamos do processo de coleta de dados, com enfoque na observação participante e no diário de campo, mencionando outras técnicas que podem auxiliar a construção científica do conhecimento.

O processo de coleta de dados não se resume ao agrupamento de informações; trata-se de uma forma sofisticada de reunir dados a partir da sistematização da pesquisa, que envolve planejamento e execução (Olsen, 2015). A sistematização da coleta de dados deve ser apresentada na seção de métodos e técnicas da comunicação científica, necessitando, sob critério de validade, ser a mais detalhada e descritiva possível, visando a replicabilidade (Minayo, 2012).

Coletamos dados em um ambiente natural, de um fenômeno natural, que envolve pessoas em interação e ocorre em uma determinada temporalidade. O local, o tempo e as pessoas que participam da pesquisa, além de suas formas de interação, devem ser descritos e explicados para os leitores e leitoras.

A observação participante e seu registro em diários de campo ou diários de pesquisa constituem um conjunto indispensável para a investigação de fenômenos. De caráter etnográfico, o método da observação participante relaciona-se ao relato de experiência por ser parte de um contexto comportamental, a partir do uso etnográfico de técnicas de coleta de dados (Angrosino, 2009).

Essa atitude adotada na pesquisa de campo parte da aceitação da comunidade humana a ser estudada, do inventário pessoal de pesquisadores e pesquisadoras, da

escolha do campo e do estabelecimento de vínculos com a comunidade, para que se possa deixar evidente aos participantes o que será estudado, mitigando possíveis obstáculos e viabilizando um processo ao qual a pesquisa não se torne um fardo para a comunidade estudada (Angrosino, 2009).

A observação, como técnica, consiste em perceber as atividades e as inter-relações das pessoas no ambiente natural (Angrosino, 2009). Ela implica a presença de pesquisadores e pesquisadoras para registrar as situações, agindo como instrumentos de pesquisa (Somekh; Jones, 2015).

A coleta de dados “está ontologicamente determinado [a], ou seja, depende em grande medida de como o observador conceitua o mundo e de seu lugar nele” (Somekh; Jones, 2015, p. 184). Seja através da observação estruturada ou não estruturada, a relação entre o pesquisador e o mundo a sua volta marca seu entendimento acerca do real. São os esquemas mentais evocados (Battlet, 1932) por quem observa que delimitam aquilo que se fixam aos olhos.

Primeiro, observa-se o campo de pesquisa para, então, estabelecer os significados e os significantes, analisados através das teorias em conjunto a nossa experiência, para que possamos desenvolver uma unidade de sentido a partir do que é observado (Somekh; Jones, 2015).

Esses dados observacionais devem ser registrados de forma sistemática, para que possam ser de fácil acesso e tenham maior confiabilidade. Com o desenvolvimento de *softwares* e da inteligência artificial (IA), bem como o acesso a *smartphones*, a gravação de notas de áudio e sua transcrição por meio de IA têm facilitado os registros.

O uso do diário de campo é intensivo como instrumento de registro da etnografia, abrangendo, além de notas e registros, interpretações, comentários e reflexões que contribuem para o processo de pesquisa, na medida em que funcionam como um instrumento reflexivo da pesquisa (Holly; Altrichter, 2015).

Cada ficha de notas ou gravação deve conter data, hora e localização. Deve-se registrar, possivelmente com a ajuda de um gravador, as falas dos sujeitos de pesquisa, incorporando-as ao caderno de campo, com vistas a não esquecer detalhes. O uso de

códigos ou pseudônimos neutros para os sujeitos de pesquisa é essencial para garantir o anonimato. Esse registro deve ser sequencial e realizado o mais próximo possível da coleta de dados, facilitando a apreensão do fenômeno através da memória, das percepções e das interpretações de quem pesquisa. As descrições de objetos e pessoas devem ser mantidas de forma objetiva, evitando fazer inferências que tomam por base apenas a aparência do objeto e/ou das pessoas (Angrosino, 2009).

Além do processo de observação participante, que inclui observação, entrevistas e pode incluir grupos focais e outras técnicas, similar às técnicas aplicadas no diagnóstico rápido participativo (Antunes *et. al.*, 2018), a pesquisa documental também é um recurso que pode ser útil para a compreensão do contexto a ser estudado.

O documento, nesse sentido, diz respeito à produção simbólica dos grupos humanos (Celard, 2014). Textos, cartazes, grafite, cartas, vestimentas, tatuagens, documentos oficiais e não oficiais ajudam no estudo do ambiente natural, para que possamos compreender e/ou analisar o fenômeno a ser investigado.

A pesquisa documental (Celard, 2014), como método, relaciona-se com o relato de experiência e a observação participante ao integrar elementos que convergem as múltiplas determinantes do fenômeno a ser investigado, por meio da produção humana, que deve ser restrita à realidade dos sujeitos de pesquisa.

Se o objeto de estudo é a interação entre estudantes e profissionais da educação em uma escola, faz sentido ter como documento a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96). A pesquisa documental, nesse sentido, deve ser limitada a fontes primárias e secundárias que se relacionam com a comunidade estudada ou tenham origem nela (Angrosino, 2009).

Outras técnicas que podem ser aplicadas na coleta de dados são as entrevistas genealógicas, por possibilitarem o desenvolvimento de redes para análise, além das técnicas narrativas de história oral e história de vida (Angrosino, 2009).

O processo de coleta de dados é crucial para a validade interna do construto teórico, uma vez que os detalhes registrados necessitam ser descritos de forma fidedigna,

contribuindo para uma análise da realidade que leve em consideração, além da interpretação dos fatos, o próprio fato em suas múltiplas determinações.

## 7 Análise de dados

15

Esta seção trata das estratégias de análise de dados, discutindo acerca do processo analítico e como ele deve ser apresentado na seção de métodos e técnicas da comunicação científica.

O processo de análise de dados qualitativos em uma pesquisa de relato de experiência sistematizada busca interpretar, com base na literatura e nas percepções de quem pesquisa, os padrões e os significados dos dados coletados (Angrosino, 2009).

Essa interpretação pode ocorrer de maneira descritiva, em que os dados são descritos de forma procedural, intercalados com os entendimentos da autoria; ou de forma teórica, em que esses padrões são analisados levando em consideração a relação entre os significados interpretados por meio da teoria e do entendimento da autoria (Angrosino, 2009). A forma teórica (Angrosino, 2009) dialoga com nossa intenção de ampliar a validade interna da pesquisa (Minayo, 2012) (ver Quadro 1).

Tomando os conceitos, termos e categorias estabelecidos pela literatura da área de pesquisa acerca do assunto, busca-se estabelecer um diálogo entre a teoria vigente, os dados coletados e as interpretações de quem analisa esses dados. O objetivo da análise é constituir, a partir da linguagem, os sentidos do fenômeno natural.

Contudo, não se trata de abraçar a teoria como verdade absoluta, mas de colocá-la à prova, compreendendo que o aporte teórico pode se revelar insuficiente para a compreensão do fenômeno observado, ou até estar em oposição a ele. A teoria, nesse sentido, é base da análise, mas são os dados coletados, ou seja, as evidências, que podem ou não corroborar a teoria.

Esse movimento epistemológico ocorre na perspectiva de validação dos dados, em que o comportamento manifesto pelos sujeitos de pesquisa deve ser comparado com

o que a literatura propõe, como outros relatos de experiência e casos similares comunicados (Angrosino, 2009).

As observações realizadas fornecem os elementos descritivos, enquanto as interpretações partem dessas descrições para precisar e orientar a explicação do fenômeno, compreendido através do diálogo entre a teoria e as evidências, o que faz emergir o sentido ampliado das interpretações de sujeitos de pesquisa (Jaccound; Mayer, 2014).

A análise das interações sociais, portanto, perpassa a necessidade de relacionar a forma como os sujeitos de pesquisa manifestam seus comportamentos e como esses comportamentos se relacionam com o ambiente natural. É nessa chave analítica que o processo pode ser conduzido, em que a teoria, por sua vez, atua como unidade de sentido e/ou crítica, uma vez que a teoria tanto pode corroborar quanto ampliar a discussão acerca do fenômeno estudado.

O processo de análise, na seção de método e técnicas de pesquisa, deve ser descrito para que leitores e leitoras possam compreender a operação mental realizada por quem pesquisa. A lógica que conduz essa interpretação é parte da escrita científica, representando, por meio da linguagem acadêmica, essa operação mental.

Os termos, conceitos, categorias e as técnicas, bem como o entendimento referenciado acerca da aplicação, necessitam ser descritas de tal forma que a compreensão do estudo tenha tanto coesão quanto lógica interna da comunicação científica, e possibilite a replicabilidade do estudo (Minayo, 2012) (ver Quadro 1).

Além da observação como método e do diário de campo para a sistematização dos dados coletados no campo de pesquisa, outras técnicas de coleta podem ser utilizadas. Essas técnicas também devem ser esclarecidas, bem como suas contrapartes analíticas apresentadas e referenciadas.

As escolhas de demais técnicas de coleta de dados e de análise de dados está a cargo de pesquisadores e pesquisadoras, que necessitam refletir sobre o sentido lógico dessas escolhas para a comunicação científica. Na escolha pela entrevista semiestruturada, por exemplo, além de apresentar o roteiro de entrevistas, existe a

necessidade de apresentar a técnica de análise, como a análise de discurso, a análise de conteúdo ou o discurso do sujeito coletivo.

Mesmo que o principal instrumento de pesquisa seja a pessoa que pesquisa, sistematizando seus achados no diário de pesquisa, tendo por método a observação participante como lógica interna do relato de experiência sistematizado, todos os aspectos teórico-metodológicos compõem a validade interna da pesquisa.

Como princípio, esclarece-se o processo analítico, mas, como regra, todos os métodos e técnicas necessitam estar descritos de forma detalhada, com vistas a declarar a sistematização lógica que compõem o fluxo de pesquisa.

## 8 Revisão de literatura

A presente seção abrange a discussão acerca da revisão de literatura em uma pesquisa de relato de experiência sistematizado, discutindo a função dos escritos acerca da teoria na pesquisa empírica.

A função da revisão de literatura em uma pesquisa empírica é informar os conceitos, termos e categorias empregados no estudo, de forma que leitores e leitoras possam compreender o aporte teórico, a partir da interpretação de quem pesquisa. É essencial para compreender o processo de construção do conhecimento em sua integralidade (Creswell, 2007, 2010).

Em uma pesquisa de relato de experiência sistematizada, tratamos de uma pesquisa de campo, portanto, pesquisa empírica. Nesse sentido, ao custo de uma dupla jornada como pesquisadores e pesquisadoras, não existe a necessidade de uma revisão teórica sistemática ou integrativa, que discuta a teoria em sua historicidade e na dinâmica de construção do conhecimento.

A resultante dessa construção é o relato de experiência e não a discussão teórica. A teoria tem a função de embasar a discussão em conjunto com os dados, como lentes analíticas. A partir dessa lógica, a revisão narrativa da literatura, como método, faz sentido como aporte para a escrita científica.

A revisão narrativa da literatura busca responder questões de pesquisa mais amplas, a partir de um viés assumido por quem realiza a coleta de dados. Ela é adequada para a fundamentação teórica em teses, dissertações, monografias e artigos científicos de caráter empírico (Cordeiro *et. al.*, 2007; Rother, 2007).

A ideia central da revisão narrativa é delinear uma discussão teórica centrada no objeto de pesquisa, que informa acerca das categorias, termos e conceitos que serão desenvolvidos em conjunto aos dados coletados, de forma a desenvolver um aporte teórico limitado ao objeto de pesquisa (Cordeiro *et. al.*, 2007; Rother, 2007).

Assim, a revisão de literatura torna-se um conjunto teórico direcionado, não uma seção de discussão acerca da teoria, mantendo seu caráter informativo e, ao mesmo tempo, explicando os vieses teóricos da pessoa que desenvolve a pesquisa.

## 9 Quem fala, fala de algum lugar

Nesta seção, discutimos a necessidade da apresentação da pessoa que pesquisa como trecho específico da comunicação científica, com vistas a demonstrar seu grau de interação com o objeto de pesquisa e seus possíveis vieses. Tomamos por base as *escrevivências* (Evaristo, 2020), como representação linguística e simbólica da história de vida e formação manifesta na pesquisa científica.

A história de vida e formação é uma constante relação social, constituída ao longo do tempo, que envolve fenômenos sociais que influenciam o processo de formação, agindo como ancoragens mentais que nos ajudam a compreender o mundo (Bartlet, 1932).

Nossa mente desenvolve esquemas mentais a partir dessas ancoragens, que nos auxiliam na tomada de consciência acerca do mundo (Bartlet, 1932). As informações são evocadas quando nossos esquemas mentais são ativados; portanto, aquilo que você lembra requer uma conexão entre suas experiências, seu corpo e sua mente (Bartlet, 1932). Por isso, não é possível a heteronomia, não é factível a neutralidade e é utópica a objetividade.

Para que possamos assumir ativamente nossos vieses em um processo de escrita de um relato de experiência sistematizado, leitores e leitoras tem que ter clareza sobre quem fala e de onde fala. Torna-se imprescindível apresentar-se a quem lê, expondo sua história de vida, formação, seus vieses e sua interpretação do mundo.

Conceição Evaristo (2020), nesse sentido, contribui com sua *escrevivência*, uma escrita ancorada nas experiências de quem se expressa, para que possa, por meio da linguagem escrita, se expressar como um ser humano, político e social. As *escrevivências*, como método de escrita, buscam deixar evidente, a partir de sua história de vida e formação, a centralidade da escrita a partir de quem escreve (Evaristo, 2020).

Nossa *escrevivência* traz a experiência, a vivência de nossa condição de pessoa brasileira de origem africana, uma nacionalidade hifenizada, na qual me coloco e me pronuncio para afirmar a minha origem de povos africanos e celebrar a minha ancestralidade e me conectar tanto com os povos africanos, como com a diáspora africana (Evaristo, 2020, p. 30).

Assim como argumenta Conceição Evaristo (2020), as pessoas compreendem o mundo e se expressam acerca da realidade a partir das ancoragens que codificam (Bartlet, 1932) durante suas vidas. Não se trata de uma pintura artificial da realidade, mas de um processo de autorreflexão sobre o fenômeno abordado, em que a linguagem atua como a materialização do pensamento que se imbrica as reflexões produzidas sobre o fenômeno investigado (Evaristo, 2020).

Essa produção de sentido, a partir da *escrevivência*, busca, na reflexão sobre si e o fenômeno, um processo de construção do conhecimento que relaciona as memórias codificadas (Bartlet, 1932) com o fenômeno natural (Creswell, 2007), com vistas a produzir um relato fidedigno (Minayo, 2012), sem, contudo, fantasiar uma propensa neutralidade por parte de quem escreve (Demo, 1992). A *escrevivência* (Evaristo, 2020), portanto, não é apenas uma seção ou parte de uma seção informativa, mas está estruturalmente impregnada em toda a escrita.

Em resumo, as pessoas que participam da construção do relato necessitam expressar suas escolhas a partir de sua história de vida e formação, para que se possa

compreender quem se expressa, como se expressa e seu lugar no mundo. Nesse sentido, a contribuição de Conceição Evaristo (2020) se torna objetiva: a *escrevivência* é, antes de tudo, um processo de honestidade intelectual.

## 10 Relato de experiência

20

Nesta seção, tratamos da confecção do relato de experiência sistematizado, a partir da interpretação de quem pesquisa, na relação empírico-teórica, desenvolvendo um processo de escrita científica orientado pelo objetivo da pesquisa.

A escrita do relato de experiência sistematizado manifesta, a partir da linguagem, seu planejamento de pesquisa. Os dados coletados devem ser descritos e analisados para desenvolver o conhecimento construído a partir de suas percepções acerca do fenômeno natural.

A descrição minuciosa das observações sistematizadas no diário de campo é basilar (Angrosino, 2009). A essas descrições podem se juntar às falas de sujeitos de pesquisa, sejam de forma resumida ou completa, para validar suas percepções acerca do campo (Angrosino, 2009).

Essas falas de sujeitos de pesquisa podem então ser comparadas à visão geral do ambiente natural observado, a estrutura macro, relacionando a percepção dos sujeitos de pesquisa com o próprio fenômeno investigado (Jaccound; Mayer, 2014).

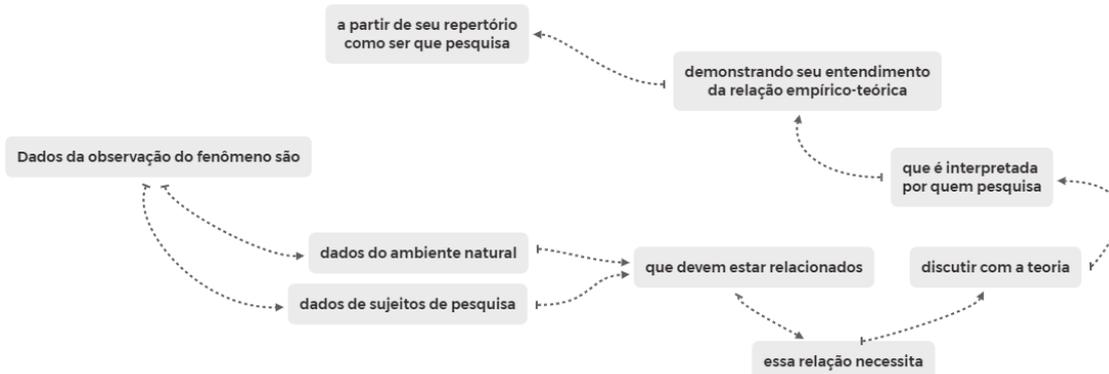
Esse movimento cognitivo, que vai do sujeito ao campo de pesquisa, conduz a discussão na relação com o referencial teórico, estabelecendo-se entre a observação e a teoria, de forma a se trabalhar termos, conceitos e categorias que corroboram ou não com os resultados obtidos pela pesquisa.

No processo de análise dos aspectos empírico-teóricos, pesquisadores e pesquisadoras manifestam suas percepções e suas interpretações acerca dessa relação, em vista a discutir o fenômeno.

Nesse sentido, o relato de experiência apresenta-se como um processo de confecção que realiza uma bricolagem intelectual entre os dados empíricos, as teorias,

suas percepções e interpretações, culminando em um relato de experiência sistematizado (conforme apresentado no Diagrama 1).

**Diagrama 1** - Processo de análise em uma pesquisa de relato de experiência sistematizada



Fonte: Elaborado pela autoria.

Nem todos os dados coletados necessitam ser analisados, uma vez que o relato de experiência sistematizado toma como guia as escolhas orientadas ao objetivo de pesquisa.

Os fenômenos observáveis emergem com maior ou menor intensidade e constância, sendo aqueles que mais se repetem os que adquirem maior relevância para o ambiente. No entanto, muitas vezes pode ser de interesse observar, descrever e analisar as exceções (Angrosino, 2009; Jaccound; Mayer, 2014).

Leva-se em consideração que a análise dos dados é um processo que é guiado pelo objetivo de pesquisa, que não existe em abstrato, mas é fruto de uma lógica interna que deve permear todo o estudo. A escolha dos dados a serem analisados, portanto, responde à construção do conhecimento e a lógica interna, sendo um recorte da realidade com um viés explícito, que busca contribuir com a construção do conhecimento científico.

A apresentação dessa seleção de dados, no conjunto da sistematização efetuada, tem de ser conexa. O processo de escrita deve ser fluído, no sentido de estabelecer uma narrativa que considera que o fenômeno observável possui uma lógica interna e padrões que se interconectam para produzir uma unidade de sentido.

Os estudos narrativos (Creswell, 2014) contribuem para o processo de escrita, desenvolvendo a escrita a partir do contexto a ser descrito e relacionado à história

individual. Essa escrita, que se inicia por um contexto, desenvolve o decorrer da história que possui uma coesão interna própria do objeto de estudos (Creswell, 2014).

Seja através de uma cronologia ou da conexão entre o contexto explorado e a observação; a escrita, nesse sentido, deve demonstrar a lógica interna: ter um começo, meio e fim, para que leitores e leitoras compreendam o relato de experiência como uma construção histórica a partir da interrelação entre pessoas, e não uma série de retalhos desagregados que são validados em um aporte teórico.

## 11 Escrevendo as conclusões de um relato de experiência sistematizado

A presente seção tem como objetivo discutir os aspectos da escrita científica relacionados às conclusões tomadas por pesquisadores e pesquisadoras em um relato de experiência sistematizado.

Sendo o relato de experiência sistematizado um método científico orientado por objetivos de pesquisa, a escrita da seção de conclusão também deve ser orientada. Partindo do princípio de que o objetivo de pesquisa é um desdobramento lógico da pergunta de pesquisa, ela orienta a escrita da conclusão.

Uma conclusão não deve apresentar qualquer informação nova que não tenha sido discutida no relato de experiência sistematizado. Trata-se da sumarização dos achados de pesquisa que trazem alguma contribuição para a pergunta de pesquisa. A seleção dos trechos analisados no relato de experiência deve ser sumarizada, demonstrando como contribuem para a pergunta de pesquisa.

Problemas percebidos por quem pesquisa durante o processo, a atitude ante a esses problemas e sua tomada de decisão são também necessários, uma vez que ensinam a outros pesquisadores e pesquisadoras e demonstram como o fazer científico é dinâmico.

Uma questão comum que conduz a finalização da escrita de conclusões diz respeito à reflexão acerca da contribuição para estudos futuros. Responder a essa questão em um parágrafo final remete a compreensão por parte de quem pesquisa acerca de seu

conhecimento do campo de pesquisa e como o relato de experiência sistematizado pode ofertar contribuições a futuros estudos.

## 12 Critérios de validade e credibilidade

23

Esta seção apresenta alguns critérios de validade e confiabilidade que podem auxiliar a aceitação e avaliação de pesquisas científicas que utilizam o relato de experiência sistematizado. A fidedignidade do relato de experiência, o viés explícito de quem pesquisa, a validação dos dados por parte dos sujeitos de pesquisa, a abordagem teórico-metodológica são critérios que auxiliam na validade interna do construto teórico. Além desses critérios apontados por (Minayo, 2012), que são a base dessa discussão, a qualidade da pesquisa necessita ser evidenciada no texto final.

O fenômeno observável não é imutável, esse é um critério de validade que deve ser claro a quem pesquisa. Portanto, a confiabilidade de seus dados, para além do que já foi explorado, se restringe ao momento. Nesse sentido, qualquer análise posterior deve levar em consideração seu estudo, sem, no entanto, o ter como verdade em vista que, em sua transformação, a apreensão do fenômeno requer um aporte metodológico condizente com a nova realidade (Flick, 2009).

Quanto aos procedimentos empregados, sua confiabilidade está ligada ao planejamento de pesquisa e à experiência e experimentação de quem pesquisa (Flick, 2009). Uma vez que o fenômeno observável ocorre em um ambiente natural, é essencial que a representatividade do fenômeno na totalidade seja evidenciada,

torna-se, portanto necessário, explicar a gênese dos dados de tal forma que isso possibilite a checagem do que seja um enunciado do sujeito e do ponto onde começa a interpretação do pesquisador [da pesquisadora] (Flick, 2009, p. 344).

Um outro parâmetro auxiliar de confiabilidade diz respeito aos dados de pesquisa, o detalhamento da documentação produzida e a checagem da sua consistência (Flick, 2009). Os dados advindos da pesquisa de campo podem ser publicados de forma digital,

para que possam ser sabatinados e forneçam elementos de crítica que contribuam com a qualidade política do relato de experiência sistematizado (Demo, 1992; Angrosino, 2009).

Além disso, essas e outras preocupações com a validade e a confiabilidade colaboram para a seleção de dados nas pesquisas de meta-síntese, uma vez que validar os dados que são objeto desse tipo de estudos exige uma maior sistematização (Walsh; Downe, 2005).

### 13 Relatos em colaboração

A presente seção problematiza o processo de escrita científica de um relato de experiência em equipe, fornecendo um aporte teórico-metodológico que justifica e amplia a validade da pesquisa através da criteriosa abordagem teórico-metodológica.

Uma outra questão que se deve compreender é que a coleta de dados pode ser efetuada por mais de uma pessoa, entrecruzando suas visões e desenvolvendo um quadro complexo sobre o objeto do conhecimento em múltiplas perspectivas, em que emerge da pesquisa um quadro mais amplo para análise (Creswell, 2010).

O processo de colaboração entre pesquisadoras e pesquisadores não reduz a particularidade da coleta e análise de dados, fornecendo uma importante ferramenta de análise por múltiplos olhares e perspectivas, o que enriquece o relato de experiência sistematizado (Holly; Altrichter, 2015).

Quando há múltiplas perspectivas de análise e várias pessoas envolvidas no processo, amplia-se a validade do construto, desde que sejam obedecidos por todos e todas os parâmetros estipulados de validade (Minayo, 2012).

Como nos explicam Creswell e Brown (1992), as múltiplas interpretações acerca do objeto de estudo necessitam de uma tomada de decisão colaborativa que diz respeito ao percurso que se deseja seguir.

As múltiplas lentes analíticas e os múltiplos vieses se imbricam, e dessas imbricações surgem contradições, que devem ser mitigadas pela equipe. Dessa forma, a

teoria que emerge dessa relação é tanto mais complexa que a imbricação das histórias de vida e formação relacionadas (Creswell; Brown, 1992).

Além do planejamento de pesquisa, a seção de apresentação das autorias deve ser pensada de forma a evidenciar a relação entre as autorias e suas subjetividades. Deve estar perceptível, no processo de leitura, os vieses específicos e compartilhados pelas pessoas que pesquisam.

Essa criteriosa abordagem, que relaciona métodos, técnicas, teorias e as pessoas envolvidas na confecção do relato de experiência sistematizado, deve ser planejada. Reuniões de planejamento, a escuta sensível de colegas para compartilhar a história de vida e formação, a partilha autobiográfica, a autoanálise e o autoconhecimento são elementos necessários para que pesquisadores e pesquisadoras possam, de forma colaborativa, construir o conhecimento acerca de um fenômeno natural observável em um ambiente natural sob múltiplas perspectivas.

## 14 Escrita científica e design de pesquisa

Com vistas à sistematização das discussões apresentadas neste artigo, e antes da sumarização, esta seção retoma os aspectos da escrita científica na forma de um instrumento de checagem (Quadro 2), objetivando auxiliar pesquisadores e pesquisadoras no processo de desenvolvimento de um relato de experiência sistematizado.

Para tanto, retomando a cada uma das seções que se referem aos processos de escrita científica, elaboramos um quadro que condensa, na forma de diretrizes mínimas voltadas à escrita científica, os nossos apontamentos (Quadro 2).

**Quadro 2** - Itens de checagem para a escrita de um relato de experiência sistematizado

Seção	Itens a serem destacados no processo de escrita
Introdução	Objeto de pesquisa
	Pergunta de pesquisa
	Objetivo de pesquisa
	Demais objetivos de pesquisa
	Resumo de métodos e técnicas
	Justificativa

	Sumarização dos achados de pesquisa
Métodos e técnicas	Epistemologia
	Gnosiologia
	Ontologia
	Lócus
	Temporalidade
	Sujeitos de pesquisa
	Método utilizado e seu entendimento referenciado do método utilizado
	Técnicas utilizadas para coleta de dados e entendimento referenciado acerca das técnicas
	Técnicas utilizadas para análise de dados e seu entendimento referenciado
	Apresentar categorias, termos e conceitos utilizados na análise dos dados
Revisão de literatura	Revisão narrativa da literatura: Apresentar cada termo, conceito e categoria necessária para o entendimento da pesquisa, referenciando as autorias e apresentando seu entendimento acerca do termo, categoria e/ou conceito de forma procedural.
Consagrar-se ao campo	Nessa seção você deve apresentar-se as pessoas de forma que elas compreendam aspectos relevantes da sua história de vida e formação que estão presentes no seu viés analítico.
Relato de experiência	Nessa seção, de fato você descreve os dados, faz o processo de análise e interpretação, considerando o ambiente, a teoria e sua interpretação nessa relação.
Conclusão	Nessa seção você retoma as evidências apresentadas no relato de experiência que contribuem, em qualquer nível, com a pergunta de pesquisa.

Fonte: Elaborado pela autoria.

As cinco seções sugeridas (ver Quadro 2) para a comunicação científica tomam por base a experiência das autorias, em um aporte racional, explorado em todo o artigo, como uma contribuição para que pesquisadores e pesquisadoras possam tomar como base na escrita de seus trabalhos científicos.

## Considerações finais

Um relato de experiência sistematizado, que tem como objeto do conhecimento os seres humanos em processo de interação, de forma sistemática, em que pesquisadores e pesquisadoras assumem seus vieses, sem, contudo, renunciar a método e técnicas sistemáticas de pesquisa, constitui uma contribuição qualitativa no campo de pesquisa.

Para tanto, o diálogo com métodos e técnicas qualitativas, sobretudo com o referencial metodológico conexo à etnografia, nos possibilitou sistematizar nossas reflexões para que seu produto seja uma discussão teórico-metodológica.

Tomando como princípio os argumentos de validade interna apontados por Minayo (2012), conduzimos a discussão baseados em dois pontos: a lógica interna da pesquisa e a escrita científica.

A lógica interna é apresentada em todo o planejamento de pesquisa, em cada uma das fases, inter-relacionando objeto de estudo, problema de pesquisa, objetivo de pesquisa, epistemologia, gnosiologia e ontologia; a escolha e aplicação do método de observação participante e a sistematização no diário de campo, bem como demais métodos e técnicas de pesquisa, em um fluxo que se interliga às escolhas teóricas, coleta e análise de dados.

Existe um fundamento lógico, uma unidade de sentido em todas as escolhas, que necessitam ser justificadas e expressas de tal forma que a tomada de decisão possa ser compreendida como um desdobramento lógico da pesquisa.

Nossa escolha por salientar os elementos da escrita científica cumpre uma dupla função. A primeira é servir como um conjunto de diretrizes mínimas para que jovens pesquisadores e pesquisadoras possam compreender como estruturar o processo de escrita. A segunda é tornar evidente a necessidade de sistematizar não apenas o processo de pesquisa, mas também a forma de escrita, com vistas à ampliação da qualidade formal de nossas comunicações científicas.

Diante do exposto, a todo momento pretendemos também deixar evidente que uma pesquisa de relato de experiência sistematizada não prescinde de um viés, mas que a história de vida e formação faz parte do todo. Por isso, os vieses devem ser óbvios, parte da unidade de sentido e da lógica interna que norteiam os processos de tomada de decisão. Dessa forma, leitoras e leitores podem identificar esses vieses e analisá-los a partir de suas histórias de vida e formação, tecendo críticas que se tornam conhecimentos construídos a partir de seus relatos de experiência.

Compreendemos, portanto, a partir da discussão acerca da validade interna, teoria, metodologia, epistemologia, ontologia, gnosiologia e escrita científica, que o relato de experiência se apresenta como um método sistematizado para a construção do conhecimento.

Para estudos futuros, propomos a discussão acerca do método a partir de sua aplicação, como parte de teses e dissertações ou mesmo em artigos científicos, através de estudos de meta-síntese, para que se possa validar o construto teórico-metodológico.

## Agradecimentos

28

Agradecemos ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq e à Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico – Funcap por financiarem essa pesquisa.

## Referências

ANTUNES, Jeferson; SILVA, Abigayl Fernandes da; SILVA, Ana Clarice Bezerra de Araújo; QUEIROZ, Zuleide Fernandes de. Diagnóstico rápido participativo como método de pesquisa em educação. **Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior**, v. 23, n. 3, dez., 2018.

BARTLETT, Frederic C.. **Remembering**: A study in experimental and social psychology. Cambridge: Cambridge Press, 1932.

BHASKAR, Roy. **The possibility of naturalism**: a Philosophical Critique of the Contemporary Human Sciences. New York: Taylor & Francis, 2005.

CELARD, André. **A pesquisa documental**. In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULUX, Lionel-H.; LAPERRIÈRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P.. Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos. 4ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CORDEIRO, Alexander Magno; OLIVEIRA, Glória Maria de; RENTERÍA, Juan Miguel; GUIMARÃES, Carlos Alberto. Revisão sistemática: uma revisão narrativa. **Rev. Col. Bras. Cir.**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 6, 2007.

CRESWELL, John W. **Investigação qualitativa & Projeto de pesquisa**. 3ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa**: Métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CRESWELL, John W.. **Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CRESWELL, John W.; BROWN, Martha L.. How Chairpersons Enhance Faculty Research: a grounded theory study. **The Review Of Higher Education**, v. 16, n. 1, 1992.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica em ciências sociais.** São Paulo: Atlas, 1992.

EPSTEIN, Brian. Anchoring versus Grounding: reply to schaffer. **Philosophy And Phenomenological Research**, v. 99, n. 3, p. 768-781, nov. 2019.

EPSTEIN, Brian. **What is individualism in social ontology?** Ontological individualism vs. anchor individualism. In: COLLIN, Finn; ZAHLE, Julie. Rethinking the Individualism/Holism Debate: Essays in the Philosophy of Social Science. Dordrecht: Springer, 2014.

EVARISTO, Conceição. **As escrituráveis e seus subtextos.** In: DUARTE, Constância Lima; NUNES, Isabella Rosado. *Escriturável: A escrita de nós - Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo.* Rio de Janeiro: Mina comunicação e arte, 2020.

FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa.** 3ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

HOLLY, Mary Louise; ALTRICHTER, Herbert. **Diários de pesquisa.** In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. *Teoria e métodos da pesquisa social.* Petrópolis: Vozes, 2015.

JACCOUND, Myléne; MAYER, Robert. **A observação direta e a pesquisa qualitativa.** In: POUPART, Jean; DESLAURIERS, Jean-Pierre; GROULUX, Lionel-H.; LAPERRIÉRE, Anne; MAYER, Robert; PIRES, Álvaro P.. *Pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.* 4ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARX, Karl. **Teses sobre Feuerbach.** In: MARX, Karl; ENGELS, Frederic. *Obras Escolhidas: Tomo I.* Lisboa: Avante, 2008.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade.* **Ciência & saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p. 621-626, 2012.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Entre voos de águia e passos de elefante:** caminhos da investigação na atualidade. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza; DESLANTES, Suely Ferreira. *Caminhos do pensamento: epistemologia e método.* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002.

OLSEN, Wendy. **Coleta de dados**: debates e métodos fundamentais em pesquisa social. Porto Alegre: Penso, 2015.

ROTHER, Edna Terezinha. Revisão sistemática X revisão narrativa. **Acta paul. enferm.**, São Paulo, v. 20, n. 2, 2007.

SCHMITT, Frederick. **Recent theories of social ontology**. In: BYRON, Kaldis. (org.). Encyclopedia of Philosophy and Social Sciences. London: Sage, 2013.

SELL, Carlos Eduardo; BOLDA, Bruna dos Santos. Ontologia social de Max Weber. **Civitas: revista de Ciências Sociais**, v. 22, p. 1, 8 dez. 2022.

SOMEKH, Bridget; JONES, Liz. **Observação**. In: SOMEKH, Bridget; LEWIN, Cathy. Teoria e métodos da pesquisa social. Petrópolis: Vozes, 2015.

TONET, Ivo. **Método científico**: Uma abordagem ontológica. São Paulo: Instituto Lukács, 2013.

WALSH, Denis; DOWNE, Soo. Meta-synthesis method for qualitative research: a literature review. **Journal Of Advanced Nursing**, v. 50, n. 2, abr., 2005.

<sup>i</sup> **Jeferson Antunes**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2969-5788>

Universidade Regional do Cariri (URCA).

Pós-doutorando em educação, projeto de Formação de Cientistas (MPEDU/URCA), Doutor em educação (PPGE/UFC), Mestre em Desenvolvimento Regional Sustentável (PRODER/UFCA), Licenciado em História (URCA).

Contribuição de autoria: Pesquisa, desenvolvimento e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1597168569510229>.

E-mail: [jeferson.kalderash@gmail.com](mailto:jeferson.kalderash@gmail.com)

<sup>ii</sup> **Cicero Magerbio Gomes Torres**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3585-452X>

Universidade Regional do Cariri (URCA), leciona no Mestrado Profissional em Ensino de Física (URCA) e no Mestrado Profissional em Educação (MPEDU/URCA).

Pós-Doutor em Educação pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará (PPGE/UFC), Mestre em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (PPGE/UFPB), Graduado em Ciências Biológicas pela Universidade Regional do Cariri (URCA), professor efetivo da Universidade Regional do Cariri (URCA).

Contribuição de autoria: Pesquisa, desenvolvimento e escrita.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6032179405750504>.

E-mail: [cicero.torres@urca.br](mailto:cicero.torres@urca.br)

<sup>iii</sup> **Francione Charapa Alves**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8405-8773>

Universidade Federal do Cariri (UFCA)

Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri (UFCA). Pós-doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Doutora em Educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).  
Contribuição de autoria: Pesquisa, desenvolvimento e escrita.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3924678282455249>.  
E-mail: [francione.alves@ufca.edu.br](mailto:francione.alves@ufca.edu.br)

31

iv **Zuleide Fenandes de Quiroz**, ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3174-4750>  
Universidade Regional do Cariri (URCA), Departamento de Educação, Programa de Pós-graduação Profissional em Educação (MPEDU/URCA).  
Pedagoga, Doutora em Educação, Professora da Educação Superior e dos Programas de Mestrado: PRODER/UFCA, PMPEDU/UFCA, PROFHISTÓRIA/URCA.  
Contribuição de autoria: Pesquisa, desenvolvimento e escrita.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3003401690552110>.  
E-mail: [zuleidefqueiroz@gmail.com](mailto:zuleidefqueiroz@gmail.com)

**Editora responsável:** Genifer Andrade

**Especialista *ad hoc*:** Márcia Cristina Florencio Fernandes Moret e Joselma Ferreira Lima e Silva.

### Como citar este artigo (ABNT):

ANTUNES, Jeferson *et al.* Como escrever um relato de experiência de forma sistematizada? Contribuições metodológicas. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 6, e12517, 2024. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/12517>

Recebido em 07 de fevereiro de 2024.

Aceito em 29 de julho de 2024.

Publicado em 17 de novembro de 2024.